

## Imprensa Negra no Rio Grande do Sul: “Raça” e Gênero na Campanha ao Monumento da “Mãe Preta” (1920-1930)<sup>1</sup>

Black Press in Rio Grande do Sul: “Race” and Gender in the Campaign for the Monument of the “Black Mother” (1920-1930)

Maria Angélica Zubaran\*  
Bianca Salazar Guizzo\*\*

### Resumo

O presente estudo analisa as narrativas em defesa da construção de um monumento em homenagem à “Mãe Preta” no jornal *O Exemplo*, em Porto Alegre (1892-1930). Pretende-se mapear, discutir e problematizar as representações étnico-raciais e de gênero mais recorrentes produzidas nesse artefato cultural. O objetivo do trabalho é investigar a imprensa negra do Rio Grande do Sul, mais especificamente, o jornal *O Exemplo* e avaliar de que forma os afro-riograndenses estrategicamente se apropriaram do debate cultural gerado em torno da construção do monumento à “Mãe Preta” na “grande imprensa” do Rio de Janeiro e na imprensa negra paulista. Busca-se demonstrar que a imprensa negra do Rio Grande do Sul participou do intercâmbio de ideias em torno da construção do monumento à “Mãe Preta” e se articulou a um fluxo de trocas e intercâmbios culturais na década de 1920.

**Palavras-chave:** Imprensa Negra, História Regional, Raça, Gênero.

### Abstract

This study analyzes the narratives in support of the construction of a monument in honor of the “Black Mother” in the newspaper *O Exemplo*, in Porto Alegre (1892-1930). The aim of this article is to map, discuss and problematize the most recurrent ethnic and gender representations produced in this cultural artifact. The objective is to investigate the black press of Rio Grande do Sul, more specifically, the newspaper *O Exemplo*, and to assess how the Afro-Riograndenses strategically appropriated the cultural debate generated around the construction of the monument to “Black Mother”

\* Doutora em História pela State University of New York. Professora Adjunta do Curso de História e do Mestrado em Educação da Universidade Luterana do Brasil. E-mail: angeliczubaran@yahoo.com.br

\*\* Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora Adjunta do Curso de Pedagogia e do Mestrado em Educação da Universidade Luterana do Brasil. E-mail: bguizzo\_1@hotmail.com

<sup>1</sup> Esta pesquisa tem o apoio do edital Preservação e acesso aos bens do patrimônio Afro-Brasileiro, PROEXT/PROPEAQ-UFPE 2013.

“ in the “mainstream media” of Rio de Janeiro and in the black press of São Paulo. It is quite evident that Rio Grande do Sul’s black press participated in the exchange of ideas around the construction of the monument of the “Black Mother” and its cultural exchanges in the 1920s.

**Keywords:** Black Press, Regional History, Race, Gender.

O presente estudo analisa as narrativas em defesa da construção de um monumento em homenagem à “Mãe Preta” presentes no jornal *O Exemplo*, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul (1892-1930). Pretende-se mapear, discutir e problematizar as representações étnico-raciais e de gênero mais recorrentes produzidas nesse artefato cultural. Busca-se demonstrar que a imprensa negra do Rio Grande do Sul participou do trânsito e do intercâmbio de ideias em torno da construção do monumento à “Mãe Preta” e se articulou a um fluxo de trocas e intercâmbios culturais na década de 1920. Portanto, o principal objetivo desse trabalho é investigar a imprensa negra do Rio Grande do Sul, mais especificamente, o jornal *O Exemplo* e avaliar de que forma os afro-rio-grandenses estrategicamente se apropriaram do debate cultural gerado em torno da construção do monumento à “Mãe Preta” no Rio de Janeiro e São Paulo.

Trata-se, assim, de colocar essa discussão no cenário mais amplo dos intercâmbios culturais que ocorreram entre periódicos da imprensa do Rio de Janeiro, de São Paulo e do Rio Grande do Sul. Neste sentido, algumas questões são fundamentais nesse trabalho: Como os afro-brasileiros ligados ao jornal *O Exemplo* estrategicamente se apropriaram das ideias que circularam na época para encaminhar suas próprias reivindicações? Que significados foram atribuídos às categorias “raça” e gênero no jornal *O Exemplo*, no contexto da campanha em defesa da construção do monumento à “Mãe Preta”? Que possíveis ensinamentos ou pedagogias culturais foram disseminados pelas narrativas associadas à “Mãe Preta” na imprensa negra rio-grandense?

A relevância desta pesquisa vincula-se ao estudo da cultura e da história dos afro-brasileiros, na perspectiva da Lei 10.639/2003, a partir de um artefato cultural produzido pelos próprios afrodescendentes, o jornal *O Exemplo*, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Neste sentido, salienta-se a importância da pesquisa sobre um acervo da imprensa negra, que faz parte do rico patrimônio cultural afro-brasileiro e que contribui para a valorização e a preservação das memórias e dos patrimônios afro-rio-grandenses e para a defesa de uma educação antirracista.

Em termos teórico-metodológicos, trata-se de uma pesquisa de história regional, que se dá em uma perspectiva interdisciplinar, que articula os campos teóricos da História Cultural e dos Estudos Culturais. Na perspectiva da História Cultural, entende-se o conceito de apropriação cultural, conforme desenvolvido por Roger Chartier (1998),<sup>2</sup> para compreender as diversas formas que os diferentes sujeitos interpretam os textos que circulam na cultura, atribuindo-lhes múltiplos significados e sentidos.

A partir da abordagem teórica dos Estudos Culturais, interessa para esse estudo, examinar a perspectiva de Stuart Hall <sup>3</sup>sobre o processo de codificação e decodificação da cultura. Hall rejeita a ideia de uma correspondência entre o momento da produção e o da recepção das mensagens midiáticas. O autor apresenta três posições de recepção ou de decodificação: o modo hegemônico, no qual a decodificação do receptor é equivalente a codificação do emissor; o modo negociado, que modifica em parte as significações pretendidas pela cultura hegemônica, em que o receptor aceita a definição veiculada pela mensagem, mas adapta-a localmente e até se opõe a ela parcialmente; e o modo oposicional, que cria significações contrárias às veiculadas pela cultura dominante. Portanto, como já apontamos, pretende-se examinar como os articulistas do jornal *O Exemplo*, decodificaram os textos sobre a “Mãe Preta” que circularam na imprensa do centro do país e os adaptaram de forma a incluir seus próprios interesses.

### **Intercâmbios Culturais na imprensa negra brasileira**

José Antônio dos Santos<sup>4</sup> e Amílcar Araújo Pereira<sup>5</sup> analisaram a circulação de ideias entre a imprensa negra dos EUA e a imprensa brasileira no início do século XX. José Antônio dos Santos argumenta que na década de 1920, os redatores da imprensa negra meridional estabeleceram trocas transnacionais com a imprensa negra dos EUA, inclusive com a troca de exemplares entre o *Chicago Defender* e o *Clarim da Alvorada* da imprensa negra de São Paulo. Nessa mesma direção, Pereira aponta que “a partir de 1920 e também na década de 1930, a circulação de informações na diáspora negra se

<sup>2</sup> CHARTIER, Roger. *Cultural History*. Ithaca, New York: Cornell University Press, 1988.

<sup>3</sup> HALL, Stuart. *Ecoding, Decoding*. In: DURING, Simon. *The cultural studies reader*. London: Routledge, 1995.

<sup>4</sup> SANTOS, José Antônio dos. Uma Arqueologia dos Jornais Negros no Brasil. *História*. Rio Grande, 2 (3): 143-160, 2011a, p. 143-160.

<sup>5</sup> PEREIRA, Amílcar Araújo. *O Mundo Negro: Relações Raciais e a Constituição do Movimento Negro Contemporâneo no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas/ FAPERJ, 2013.

ampliou muito”<sup>6</sup>. De acordo com o autor, a década de 1920 foi um momento de grande intercâmbio cultural entre a imprensa negra afro-americana e a afro-brasileira, em que os norte-americanos olharam com interesse para as relações raciais no Brasil.

As trocas e os intercâmbios de ideias em torno da construção do monumento à “Mãe Preta” no Rio de Janeiro e em São Paulo foram analisadas pelas historiadoras norte-americanas Micol Seigel<sup>7</sup> e Paulina Alberto<sup>8</sup>. Micol Seigel<sup>9</sup>, a partir de uma perspectiva transnacional, analisou as trocas culturais entre a imprensa afro-americana do *Chicago Defender*, e os jornais brasileiros *A Notícia* (RJ) e *O Clarim d’Alvorada* (SP). De acordo com ela, a proposta da construção de um monumento à “Mãe Preta” começou nos Estados Unidos da América, quando “as *daughters of the American Confederacy* (filhas dos confederados norte-americanos) propuseram a construção de uma estátua para a *Mammy* na capital dos Estados Unidos”.<sup>10</sup> A autora aponta que quase três anos depois, em 1926, a campanha se estendeu para a imprensa do Rio de Janeiro, no jornal *A Notícia*, através de seu redator Cândido de Campos, que passou a defender a construção de um monumento à “Mãe Preta” como forma de celebrar a mistura racial na formação da identidade nacional brasileira. A autora conclui que a campanha realizada no Brasil para a construção de um monumento à “Mãe Preta”, nos anos 1920, contribuiu para mudar o discurso sobre raça no Brasil, adotando a retórica da harmonia racial uma década antes de Gilberto Freyre. No entanto, como sublinha a autora, com a revolução de 1930 a mobilização foi abandonada e o monumento só foi inaugurado em São Paulo em 1953, no governo de Jânio Quadros na prefeitura da cidade.

Paulina Alberto<sup>11</sup> analisou as narrativas e representações da “Mãe Preta” em sua tese de doutorado, depois publicada em livro intitulado *Terms of Inclusion: Black Intellectuals in Twentieth-Century Brazil*. A autora salientou que os proponentes brancos da estátua da mãe preta no Rio de Janeiro publicamente defenderam uma identidade nacional misturada em

<sup>6</sup> PEREIRA, Amílcar Araújo. *op. cit.*, 2013, p. 149

<sup>7</sup> SEIGEL, Micol. *Uneven Encounters: Making Race and Nation in Brazil and The United States*. Durham and London : Duke University Press, 2009.

<sup>8</sup> ALBERTO, Paulina. *Terms of Inclusion: Black Intellectuals in Twentieth-Century Brazil*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2011.

<sup>9</sup> SEIGEL, Micol. *op. cit.*, 2009.

<sup>10</sup> SEIGEL, *op. cit.*, p. 314.

<sup>11</sup> ALBERTO, Paulina. *op. cit.*

1926. Na mesma direção de Seigel<sup>12</sup>, também Alberto<sup>13</sup> argumenta que a campanha do monumento a “Mãe Preta” foi o começo de uma importante mudança na forma como a elite brasileira pensava sobre raça, tornando possível imaginar os afrodescendentes como parte integral da nação. Essa autora argumenta ainda, que enquanto os jornalistas brancos defenderam a noção de tolerância racial e elogiaram a passividade da “Mãe Preta”, os negros usaram o simbolismo da Mãe Preta para destacar as contribuições dos negros na nacionalidade.

A partir dessas análises, apresentamos o seguinte questionamento: como as ideias disseminadas por ocasião da campanha para a construção de um monumento à “Mãe Preta” no jornal *A Notícia* no Rio de Janeiro e no jornal *O Clarim da Alvorada* na imprensa negra paulista foram apropriados pelas lideranças do jornal *O Exemplo*? Antes de contemplar essa questão, traçamos uma breve apresentação do jornal *O Exemplo*, para contextualizar sua importância na comunidade negra porto-alegrense.

### **O Jornal *O Exemplo* e a Imprensa Negra do Rio Grande do Sul**

No Rio Grande do Sul, a imprensa negra regional revela um grupo de afrodescendentes com carreiras profissionais bem sucedidas, membros de inúmeras associações religiosas, culturais e sociais, que participaram ativamente do contexto político-cultural da sociedade rio-grandense. Como afirma Roberto Santos (2007)<sup>14</sup>, além do jornal *O Exemplo* (Porto Alegre, 1892-1930), houve uma série de outros jornais produzidos por negros no Rio Grande do Sul: *A Cruzada* (Pelotas, 1905), *A Alvorada* (Pelotas, 1907-1965), *A Revolta* (Bagé, 1925), *A Navalha* (Santana do Livramento, 1931), *O Tição* (Porto Alegre, 1978), o *Folhetim do Zaire* (Porto Alegre, 1982-2005).

O jornal *O Exemplo* começou a circular em Porto Alegre em 11 de dezembro de 1892 como “Propriedade de uma Associação” que, segundo Liane Müller<sup>15</sup>, tratava-se da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. O jornal foi fundado por um grupo de jovens negros, “moços esperançosos e ávidos de justiça”, que costumavam reunir-se em uma barbearia, o *Salão*

<sup>12</sup> SEIGEL, Micol. *op. cit.*

<sup>13</sup> ALBERTO, Paulina. *op. cit.*

<sup>14</sup> SANTOS, Roberto. *Pedagogias da Negritude e Identidades Negras em Porto Alegre: Jeitos de ser negro no Tição e no Folhetim do Zaire (1978/1988)*. Dissertação (Mestrado em Educação), PPGEDU, Universidade Luterana do Brasil, 2007.

<sup>15</sup> MÜLLER, Liane Susan. *As Contas do Meu Rosário São Balas de Artilharia: irmandade, jornal e associações negras em Porto Alegre*. Porto Alegre: Pragmatha, 2013.

*Calixto*, situado à Rua dos Andradas no. 247, no centro da cidade de Porto Alegre. O jornal circulou, com algumas interrupções, de 1892 até 1930, cobrindo um período de 38 anos dedicado à história e à cultura do negro no Brasil meridional. Conforme apontou Zubaran:

Era um jornal semanal, de quatro páginas, que saía aos domingos, de tiragem modesta e vendido pelos próprios editores na sede do jornal ou através de assinaturas semestrais. Após alguns anos de existência, no final do século XIX, entre 1892 e 1897, *O Exemplo* voltou a circular no início do século XX, em 5 de outubro de 1902 e foi novamente suspenso em janeiro de 1903, reaparecendo em 1904 e mantendo-se em atividade até 1905. Os demais exemplares consultados correspondem ao período de 1908 até 1910. De acordo com Paulo Ricardo Moraes (2000), *O Exemplo* reiniciaria suas atividades em 1916 e encerraria definitivamente sua publicação em 1930.<sup>16</sup>

Neste sentido, entende-se o jornal *O Exemplo* como uma fonte de pesquisa de extrema relevância para o estudo das memórias, da história e da cultura afro-brasileira.

### **“Raça” e Gênero na Campanha ao Monumento da “Mãe Preta” no Rio Grande do Sul**

A fim de melhor entendermos as discussões sobre raça e gênero no jornal *O Exemplo* apresentamos um breve panorama da década de 1920 no Rio Grande do Sul. De acordo com Charles Monteiro<sup>17</sup>, a década de 1920, no Rio Grande do Sul, foi marcada por um projeto de modernização capitalista da sociedade local - indústrias, grande comércio, bancos, companhias de seguro, forneciam ao Partido Republicano Rio-Grandense uma importante base de sustentação. Segundo Monteiro, Porto Alegre tinha, nessa época, cerca de 179 mil habitantes na zona urbana e assumia a liderança industrial da Província. O crescimento de Porto Alegre estava relacionado a sua função de porto comercial, exportando os produtos da zona colonial imigrante para o mercado interno brasileiro e distribuindo produtos importados para o interior do estado. Segundo Sandra Pesavento<sup>18</sup>, a zona colonial imigrante bem sucedida oferecia o exemplo vivo da “superioridade do trabalhador estrangeiro e branco” (p.76). Neste sentido, a autora salienta que as empresas in-

<sup>16</sup> ZUBARAN, Maria Angélica. Comemorações da liberdade: lugares de memórias negras diaspóricas. *Anos* 90, v. 15, n. 27, 2008, p. 166.

<sup>17</sup> MONTEIRO, Charles. *Breve História de Porto Alegre*, Porto Alegre: Ed. da Cidade, Letra & Vida, 2012.

<sup>18</sup> PESAVENTO, Sandra. *A Emergência dos Subalternos: trabalho e ordem burguesa*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS: FAPERGS, 1989.

dustriais da época demonstravam uma preferência nítida pelo trabalhador imigrante, revelando um preconceito arraigado contra o trabalhador nacional que não era exclusivo do Rio Grande do Sul. A autora argumenta que “tal como no eixo central do país, onde havia maior oferta de mão-de-obra, o negro no sul foi também preterido em favor do trabalhador livre branco e, particularmente, de origem imigrante” e acrescenta: “o preconceito operava com um freio à incorporação da mão-de-obra egressa do regime servil no mercado de trabalho local” (p. 75). É dentro deste contexto que se pode melhor compreender as diferentes apropriações que os redatores do jornal *O Exemplo* fizeram dos discursos proferidos nos jornais do centro do país em torno da construção do monumento à “Mãe Preta” de forma a buscar uma maior integração na sociedade local.

Em 13 maio de 1926, o jornal *O Exemplo* publicou duas colunas sobre a “Mãe Preta”. Uma das colunas apoiava a campanha iniciada no jornal *A Notícia* do Rio de Janeiro e cumprimentava o jornalista Cândido de Campos pela iniciativa, demonstrando o trânsito e intercâmbio de ideias entre o jornal carioca e o jornal *O Exemplo*. Mário Rodrigues, que assinava o artigo, reproduzia as noções veiculadas naquele jornal, da “Mãe Preta” como “abnegada”, “exemplo de resignação e doçura”, um “império de fidelidade” (*O Exemplo*, 13/maio/1926). Conforme apontou Alberto, a passividade e a submissão eram atributos que interessavam aos intelectuais brancos salientar após o desencantamento com os trabalhadores estrangeiros que protestaram contra seus patrões nas primeiras décadas do século XX.

Entretanto, outra coluna, no mesmo exemplar do jornal, intitulada “Em gratidão à Mãe Preta”, assinada com o pseudônimo Bargioras, revelava outro tom: a “Mãe Preta” era representada como “a injustiçada de mesquinhos preconceitos de raça, proscrita nas leis, sem direitos” e construía-se a ideia do monumento como uma dívida da nação para “com os africanos que outrora, há bem pouco tempo, nas lavouras sustentaram com mão de ferro a riqueza econômica do Brasil” (*O Exemplo*, 13/maio/1926). A presença dessa retórica da contribuição do trabalho negro na década de 1920 aparecia como um contraponto à discriminação dos nacionais no mercado de trabalho e à preferência pelos trabalhadores imigrantes europeus, continuamente representados como bons trabalhadores, enquanto os nacionais eram representados de forma negativa, preconceituosa e pejorativa.

Meses mais tarde, em novembro de 1926, o jornal *O Exemplo* voltava a referir-se ao Monumento à “Mãe Preta”, reproduzindo na primeira página

sob o título “o monumento da gratidão nacional” o discurso do deputado do Rio Grande do Norte, Georgino Avelino, dirigido ao presidente da Câmara, concitando-o a apoiar a iniciativa do jornal *Notícia* para a construção de um monumento à Mãe Preta. O deputado Avelino ao longo de seu discurso constrói a noção de uma “raça brasileira”, “nova e pujante”, formada pela integração de “raças estranhas” que imprimiram a “fisionomia típica e particular da nação”. Para Georgino Avelino:

Foi nos pontos de atividades, constituído pelas fazendas e pelos engenhos, nesses pontos de centralização de homens de várias cores e estaturas, hábitos, línguas e ideologias que o espírito das três raças estranhas pela primeira vez gerou a alma da nova raça brasileira, que imprime fisionomia típica e particular a nossa evolução coletiva.<sup>19</sup>

O deputado Avelino somava à ideia de uma nova raça brasileira, a noção de um espírito brasileiro, no qual as três raças, brancos, negros e indígenas, conviviam sem hierarquias, antecipando a noção da democracia racial em meados dos anos de 1920:

A diferença das hierarquias sociais pelas quais se achavam distribuídas em proporções diferentes os diversos grupos étnicos foi anulada pela definição inalterável do tipo espiritual brasileiro, em cuja fisionomia, brancos, pretos e silvícolas se reconhecem condensados em um parentesco indissolúvel.<sup>20</sup>

Na década de 1920, pensadores e políticos brasileiros, no contexto de um emergente nacionalismo cultural pós Primeira Guerra Mundial, passaram a relativizar a importância do trabalho do imigrante e a valorizar o trabalho e a integração da “raça preta” na nação. Entre eles, estava o deputado Avelino, que assim se expressou:

A integração da raça preta na história do Brasil não se fez só porque com a extinção da escravatura a tenhamos trazido a uma situação política de igualdade de direitos. Incineramos os documentos relativos à escravidão, mas aceitamos com satisfação subalterna que nos afirmem que o surto industrial brasileiro provém dos italianos, dos alemães, dos espanhóis que colaboram conosco para elevar o padrão de nosso trabalho e da nossa produção, quando as riquezas ainda são basicamente as culturas antigas que os brasileiros estabeleceram com o concurso do escravo amigo e fiel.<sup>21</sup>

<sup>19</sup> *O Exemplo*, 07/11/1926.

<sup>20</sup> *O Exemplo*, 14/11/1926.

<sup>21</sup> *Idem*.



Na direção apontada por Siegel<sup>22</sup> e Alberto<sup>23</sup> em suas análises da campanha para a construção de um monumento à “Mãe Preta”, observa-se também nas narrativas do jornal *O Exemplo*, a presença de um discurso de fraternidade racial, semelhante às noções que circularam no jornal *A Notícia* do Rio de Janeiro e no jornal *O Clarim da Alvorada* de São Paulo.

Em 13 de maio de 1928, em uma nova coluna sob o título “Mãe Preta”, Leandro Pierini, vice-diretor do grupo mantenedor do jornal *O Exemplo*, reafirma a ideia do monumento como uma dívida de gratidão da nação e apropriava-se da noção de uma convivência racial igualitária no Brasil, “em que todos os cidadãos tinham os mesmos direitos” para requerer o desaparecimento dos “últimos resquícios de preconceitos infundados”. Assim se manifestou:

O Brasil não resgatou ainda, *in totum*, sua dívida imensa de gratidão para com uma raça modesta e afetiva, humilde e boa, que muito deu e pouco, bem pouco, tem pedido a pátria madrastra: a raça preta. Esse pagamento impõe-se. Com ele e por ele faremos desaparecer, de uma só vez, os últimos resquícios de um preconceito infundado, que a nossa história não endossa, a nossa legislação não homologa e que a nossa índole repele. Perante a Lei soberana e dentro da consciência nacional, todos os cidadãos têm os mesmos direitos e obrigações, deveres e regalias<sup>24</sup>.

Ainda no mesmo artigo, Leandro Pierini apropriou-se dos versos do poeta Medeiros e Albuquerque, autor do Hino da Proclamação da República, para salientar a ideia de uma nação de irmãos e enfatizar noções de fraternidade entre todos os brasileiros, conforme segue:

Nós nem cremos que escravos outrora  
Tenha havido em tão nobre país  
Hoje o rubro lampejo da aurora  
Acha irmãos, não tiranos hostis.

O fato das lideranças negras apresentarem o Brasil como um lugar onde brancos e negros eram irmãos, por meio de relações compartilhadas com uma “Mãe Preta” simbólica, desafiava as visões anteriores de um Brasil embranquecido. Vale destacar que no Brasil, assim como no resto da América Latina, a primeira guerra mundial ajudou a impulsionar o orgulho nacionalista entre pensadores brasileiros. Esses sentimentos ganharam completa

<sup>22</sup> SEIGEL, Micol. *op. cit.*, 2009.

<sup>23</sup> ALBERTO, Paulina. *op. cit.*

<sup>24</sup> *O Exemplo*, 13/05/1928.

expressão com a Semana de Arte Moderna de São Paulo em 1922. Intelectuais como: Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Tarsila do Amaral propuseram novas visões da cultura nacional que buscavam rejeitar as teorias raciais europeias e enfatizaram o poder gerador da mistura cultural. Nesta direção, também nas colunas do jornal *O Exemplo*, a “Mãe Preta” foi representada como um ícone de uma raça nacional misturada.

Por outro lado, consideramos também neste estudo, a contribuição dos Estudos de Gênero para relativizar, tencionar e problematizar as questões relacionadas às representações atribuídas à “Mãe Preta”. Os estudos de Joan Scott<sup>25</sup> e Guacira Louro<sup>26</sup> têm contribuído para rejeitar o determinismo biológico e para o entendimento do conceito de gênero como uma categoria culturalmente constituída e relacional. Conforme essas autoras a categoria gênero é utilizada para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é, necessariamente, informação sobre os homens. Essa ideia relacional afasta o binarismo entre polos opostos e tem como foco o estudo das construções sociais do masculino e do feminino. Nesta direção Bianca Guizzo<sup>27</sup> aponta que a categoria gênero deve ser entendida levando-se em consideração as relações culturais, sociais e históricas que estão estreitamente vinculados à formação das feminilidades e das masculinidades e vice-versa.

Com relação à contextualização da situação das mulheres nos anos de 1920, é importante destacar, a partir dos estudos de Maria Bernardete Ramos Flores<sup>28</sup>, que predominava um caráter conservador nos movimentos feministas nesta época, pois privilegiavam o papel da educação no sentido de incentivar as mulheres a atuarem em funções maternas e em atividades consideradas aceitáveis para a condição feminina. Ademais, conforme Rachel Soihet e Joana Maria Pedro<sup>29</sup>, apesar de os diferentes movimentos feministas buscarem valorizar as mulheres moral e intelectualmente, permanecia a tendência de reforçar discursos e representações de gênero

<sup>25</sup> SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre: FAFED/UFRGS, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

<sup>26</sup> LOURO, Guacira. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

<sup>27</sup> GUIZZO, Bianca Salazar. “*Aquele negrão me chamou de leitão!*”: Representações e práticas corporais de embelezamento na Educação Infantil. UFRGS, 2011. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2011, Porto Alegre, Brasil.

<sup>28</sup> FLORES, Maria Bernardete Ramos. Ao Brasil dos meus sonhos: feminismo e modernismo na utopia de Adalzir Bittencourt. *Revista de Estudos Feministas*. V. 1, 2002, p. 11-37

<sup>29</sup> SOIHET, Rachel e PEDRO, Joana Maria A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. *Revista Brasileira de História*. v. 27, n. 54, p. 281-300, 2007.

cujo foco voltava-se para a reiteração da importância do papel da “mulher-mãe” para a regeneração da nação.

Nesta direção, a “Mãe Preta” continuava figurando em um papel passivo e em um universo de sofrimentos e sacrifícios que fazia parte de um ideário que dizia respeito ao ser feminino cuja circulação já acontecia em jornais sulistas desde o final do século XIX, conforme argumenta Joana Maria Pedro<sup>30</sup>. Tal ideário atrelava-se a modelos de mulheres como boas mães, esposas virtuosas e filhas dedicadas. De acordo com essa mesma autora, as imagens de mulheres presentes nos jornais do sul vinculavam-se à ideia de que elas “seriam responsáveis pelo progresso e a civilização, pois eram consideradas criadoras e educadoras das novas gerações”<sup>31</sup>. Mais do que isso, as representações que aí eram veiculadas buscavam, em alguma medida, restringir os papéis femininos aos papéis familiares.

Conforme apontam os Estudos de Gênero, submissão, dependência, sofrimento e sacrifício são características e sentimentos que têm sido vinculados ao ser feminino e maternal. Tal vinculação ganhou força principalmente ao final do século XIX e início do XX, conforme já apontamos. Sofrimento e sacrifício, em especial, atrelam-se à noção de “boa” mãe cujas funções se ligam ao estar disponível e ao ajustar-se às necessidades de sua prole.

Elisabeth Badinter<sup>32</sup> argumenta que a noção de amor materno é frequentemente associada ao “instinto natural” considerado inerente a todas as mulheres, embora a história nos mostre que nem sempre foi assim. Verônica Muller<sup>33</sup> ajuda-nos a desmistificar essa ideia. Segundo essa autora, na Idade Média, por exemplo, os cuidados que hoje são dispensados da mãe ao/seu/sua filho/a não funcionavam da mesma forma. Assim que nasciam, muitas crianças eram entregues às amas-de-leite que com frequência, em decorrência dos pedidos das próprias mães, cometiam diversas atrocidades com bebês e crianças. Tais atrocidades iam desde congelamentos, afogamentos até o oferecimento de bebidas nas quais se misturavam leite com pó de gesso. Levando em consideração acontecimentos como os que acabamos de relatar, é que se torna possível relativizar a “naturalização” em torno da questão do “instinto materno” propagado e reiterado em artefatos culturais, tais como a imprensa negra e alguns monumentos comemorativos.

<sup>30</sup> PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2009.

<sup>31</sup> *Ibidem*, p. 282.

<sup>32</sup> BADINTER, Elisabeth. *XY: Sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

<sup>33</sup> MULLER, Verônica R. *História de crianças e infâncias: registros, narrativas e vida privada*. Petrópolis: Vozes, 2007.

Em artigo intitulado “Mãe Preta”, publicado no jornal *O Exemplo* em 1926, Mário Rodrigues representava a “Mãe Preta” como “um tipo abnegado”, cujos gestos e atitudes emanavam uma “paciência heróica”, um “exemplo de resignação e doçura, de pureza e altruísmo”, um “império de fidelidade”<sup>34</sup> (*O Exemplo*, 26/maio/1926). Também a coluna de Leandro Pie-rini, em maio de 1928, ao conclamar os leitores para a construção do monumento, estereotipava a imagem da “mãe preta” como mulher submissa. Ele afirmava: “Conseguiremos esse *desideratum*, não há dúvida, concretizaremos no bronze ou no granito eterno a figura amorosa e submissa da mãe preta”. Neste sentido, as representações da “mãe preta” na imprensa negra porto-alegrense ainda que idealizadas, permaneciam estereotipadas, pois persistiam as imagens de humildade, bondade e submissão típicas da representação do “nobre selvagem” do final do século XIX ou do estereótipo da “mãe preta” fiel e abnegada. A “Mãe Negra” não foi apenas representada em termos de suas características essenciais, mas também foi reduzida à sua essência, à sua submissão e à sua fidelidade às famílias de seus senhores e senhoras brancas, conforme se observa na narrativa que segue:

No lar era ela a paciência e a bondade. Tinha pela família a que pertencia apego e amor, pelo sinhô moço ou pela sinhazinha desvelos frementes e cálidos anseios, próprios de mãe legítima e a eles dedicava-se com a submissão resignada e reverente dos seres afetivos e simples.<sup>35</sup>

Observa-se que o redator naturaliza o trabalho submisso e subserviente da “Mãe Preta” em um cenário de relações raciais fraternas entre as “mães pretas” e seus senhores e senhoras brancas, escamoteando a violência e a desigualdade de poder que marcaram essas relações, como tem demonstrado a historiografia sobre a escravidão no Brasil. Nesta mesma matéria, a “Mãe Preta” foi também representada como naturalmente conformada com seu mundo de privações e impotente diante das “durezas do cativeiro”. Ela naturalmente suporta o martírio e a dor como se observa no excerto a seguir:

Foi escrava. Passou por todas as provações, por todos os martírios e por todas as durezas do cativeiro. Devia ser por isso má e perversa, cheia de ódio contra a raça escravizadora. Não o foi, porém. Soube apesar de tudo amar e querer bem a quem lhe tirara o direito de ser livre. Trabalhou e sofreu. Pela dor dignificou-se, tornou-se grande e heróica, suportou o martírio e conquistou a veneração do Brasil (...). Este Brasil saberá perpetuar a memória da Mãe Preta num monumento digno e eterno.<sup>36</sup>

<sup>34</sup> *O Exemplo*, 26/05/1926, p. 2

<sup>35</sup> *O Exemplo*, 13/05/1926, p. 2.

<sup>36</sup> *O Exemplo*, 13/05/1928.

Neste sentido, no contexto das relações raciais no Brasil na década de 1920, as narrativas em defesa da construção do monumento à “Mãe Preta” produziram um efeito pedagógico marcante: construir um monumento para reverenciar a memória coletiva daqueles que, como a “Mãe Preta”, suportaram com passividade e submissão os martírios do cativo.

Durante a campanha pela construção do monumento à “Mãe Preta”, os jornalistas do *Exemplo* salientaram a importância do trabalho dos negros e omitiram o fato das mulheres escravas terem trabalhado ao lado dos homens nas lavouras e também nas cidades. Leandro Pierini defendeu em sua coluna a ideia da construção do monumento para rememorar os africanos que nas lavouras sustentavam a economia do Brasil “com mãos de ferro” e as mulheres africanas, cujos “seios opulentos (...) fizeram o esplendor de quantos destinos”. Observa-se na sua narrativa a manutenção de uma noção de gênero tradicional, que associa o homem negro ao trabalho e a mulher negra à maternidade, ao cuidado e à reprodução da espécie. Neste sentido, o estudo das representações de gênero tem possibilitado problematizar as concepções dadas como universais e naturais, especialmente aquelas que definem o que é “próprio” para homens e para mulheres. Como argumentamos anteriormente, é possível afirmar que “funções” e “papéis” atribuídos a homens e mulheres não são apenas determinados pela biologia, mas são construções culturais e sociais. Nesse sentido, Louro<sup>37</sup> afirma que:

[...] Simone de Beauvoir sacudiu a poeira dos meios intelectuais com a frase ‘Ninguém nasce mulher: torna-se mulher’. A expressão causou impacto e ganhou o mundo. Mulheres das mais diferentes posições, militantes e estudiosas passaram a repeti-la para indicar que seu modo de ser e de estar no mundo não resultava de um ato único, inaugural [...]. Fazer-se mulher dependia das marcas, dos gestos, dos comportamentos, das preferências e dos desgostos que lhes eram ensinados e reiterados, cotidianamente, conforme normas e valores de uma dada cultura.

Por outro lado, observou-se que a imagem da “Mãe Preta” também foi apropriada para tecer críticas ao preconceito racial e à ausência de direitos legais às mulheres negras na sociedade da época. Neste sentido, o articulista Mário Rodrigues apropriou-se do simbolismo da “Mãe Preta” para reinterpretar sua representação e também para denunciar o privilégio dado à criança branca em detrimento da criança negra. Assim manifestou-se:

---

<sup>37</sup> LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições*, v. 19, n. 2 (56), maio/ago. 2008, p. 17.

(...) Aleitava o filho do branco, que lhe roubava o leite ao filho, e logo, desde aí, bipartido o seu afeto entre um e outro, começava a sua tarefa (...) Quantos dos novos homens não ascenderam aos píncaros nos barcos da Mãe Preta? Ela, a injustiçada de mesquinhos preconceitos de raça, ela proscrita e descoroada das leis, sem direitos, entregava o peito todo inteiro nos sentimentos que a dor sublimava.<sup>38</sup>

Também na imagem selecionada pelo jornal *O Exemplo* para representar visualmente a “Mãe Preta”, observa-se uma apropriação particular da iconografia tradicional da “Mãe Preta”. Na imagem selecionada, os jornalistas do jornal *O Exemplo* vão acrescentar a imagem da criança negra deitada aos pés da “Mãe Preta”, chamando atenção para o destino que era reservado aos filhos e filhas da “Mãe Preta” no Brasil e, de certa forma, apontando quem eram os filhos (as) que tinham privilégios e prioridades.

**Figura 1** – Imagem da “Mãe Preta”<sup>39</sup>



### Considerações Finais

No contexto da década de 1920, no Rio Grande do Sul, os redatores do jornal *O Exemplo* se apropriaram das narrativas da campanha nacional em prol da construção de um monumento para a “Mãe Preta” e participaram dos debates presentes na grande imprensa carioca e na imprensa negra paulista.

<sup>38</sup> *O Exemplo*, 13/05/1926, p.1.

<sup>39</sup> *O Exemplo*, 13/05/1926, p.4.

Neste sentido, a imprensa negra do Rio Grande do Sul, mais especificamente, os redatores do jornal *O Exemplo*, em direção semelhante às contribuições apontadas por Alberto<sup>40</sup> e Seigel<sup>41</sup>, salientaram a participação positiva da presença negra na nacionalidade, marcando uma significativa mudança na ideologia do branqueamento na década de 1920 e representaram as relações étnico-raciais entre brancos e negros como fraternas, antecipando as noções de democracia racial articuladas por Gilberto Freyre na década seguinte, em 1930. Neste sentido, observa-se uma continuidade desses discursos que circulariam na imprensa carioca e paulista com aqueles que analisamos no jornal *O Exemplo* em Porto Alegre.

Por outro lado, no que se refere às representações de gênero, observa-se uma certa negociação de sentidos. Se por um lado, os jornalistas de *Exemplo* se apropriaram das representações sobre a “Mãe Preta” que circulariam na imprensa carioca e paulista e mantiveram estereótipos recorrentes sobre as mulheres negras representadas como humildes, passivas, maternais, submissas e dependentes, por outro lado, reinterpretaram as imagens de sacrifício e dor atribuídas à “Mãe Preta” pela grande imprensa carioca, para encaminhar críticas aos preconceitos e a falta de direitos legais das mulheres negras.

Pode-se concluir, portanto, que no intercâmbio de ideias que circularam entre a chamada “grande imprensa” carioca, a imprensa negra paulista e a imprensa negra do Rio Grande do Sul, na década de 1920, houve continuidades e rupturas que de certa forma, revelam as semelhanças e diferenças entre os contextos dessas cidades e também dos intelectuais envolvidos nessas discussões. Outrossim, o que se observa, como já apontaram Seigel e Alberto, é que os significados de raça estavam sendo negociados e redefinidos no Brasil na década de 1920 e o jornal *O Exemplo*, como demonstrado neste estudo, engajou-se nesta discussão, participou e negociou significados nestas trocas culturais. Neste sentido, é interessante destacar ainda, que as discussões sobre raça entre os intelectuais negros do Rio Grande do Sul extrapolaram as fronteiras estaduais e marcaram a participação da imprensa negra do Rio Grande do Sul no intercâmbio de ideias que ocorria no centro do país.

Artigo recebido para publicação em 11/12/2014

Artigo aprovado para publicação em 11/05/2015

---

<sup>40</sup> *Idem.*

<sup>41</sup> SEIGEL, Micol, *op. cit.*